

4.º CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL
DE CINEMA DE VIANA
PROGRAMA



**XV ENCONTROS
DE CINEMA**
VIANA 04 A 10 MAIO 2015

4.^a CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL
DE CINEMA DE VIANA

PROGRAMA

07 de Maio . Escola Superior de Educação - Sessão 1

09:00h / 10:00h
Receção aos participantes

10:00h / 10:25h
Anfiteatro
Abertura

10:30h
CINEMA E ESCOLA
Anfiteatro
1.^a Mesa - 10h30/13.30h
2.^a Mesa - 15h00/18.00h

10:30h
CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA
Sala 11
1.^a Mesa - 10h30/12.30h
2.^a Mesa - 15h00/18.00h

08 de maio . Escola Superior de Educação - Sessão 2

10:00h / 13:00h
MESA REDONDA
GÉNERO E CINEMA: ENTRE NARRATIVAS, POLÍTICAS E POÉTICAS
Anfiteatro

17:00h / 19:30h
WORKSHOP
CINEMA: ARTE QUE PODE TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO
Anfiteatro

PROGRAMA

07 de Maio

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

10:00h

ABERTURA

Anfiteatro . 10:30h às 13:30h

CINEMA E ESCOLA

1ª Mesa - Coordenação da mesa: Maria do Céu Marques, Maria Constança Peres Pissarra, Rosa Maria Sequeira, Cláudia de Almeida Mogadouro.

Título

CINEMA E ESCOLA: O CASO DA CINEMATECA FRANCESA E DO MUSEU DE CINEMA DE GIRONA

Autor

THAIS VANESSA LARA

Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP

Nota biográfica

Thais Lara é pesquisadora nas áreas de arquivos de filmes e cinema e educação. Atualmente desenvolve uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com período sanduíche na Universidade Paris 3 - Sorbonne Nouvelle. Bolsita FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Palavras-chave

Cinema e escola; Cinemateca Francesa; Museu de Cinema de Girona; crianças; Museu de Cinema de Girona.

Resumo

Esta comunicação tem por finalidade apresentar as ações educativas da Cinemateca Francesa e do Museu de Cinema de Girona, com relação, especialmente aos projetos “Iniciação escolar” e “Ateliers de cinema” que são direcionados ao público escolar. O objetivo é analisar a organização dos projetos e quais são os critérios para formular a programação em função das diferentes faixas etárias.

Título

O CINEMA COMO PROCESSO FORMATIVO - ANÁLISE E RESULTADOS DO CURSO DE FORMAÇÃO CINEMALOGIA

Autores

CATARINA ISABEL MARQUES PINHEIRO E VITOR DANIEL PIRES PEREIRA

Festival Caminhos do Cinema Português.

Notas biográficas

Vitor Ferreira nasceu em Heidelberg na Alemanha, em 1975. É Licenciado em Línguas Modernas

Alemão pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Mestre em Política Cultural Autárquica, especializou-se igualmente em Gestão e Programação do Património Cultural na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Com larga experiência no domínio dos eventos culturais, integra enquanto Director, a organização do Festival Caminhos do Cinema Português desde 2000. Presentemente é Investigador Auxiliar Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) das Universidades de Coimbra, Porto e Minho e no Centro de História da Sociedade (CHSC) e da Cultura da Universidade de Coimbra, realizando investigação no domínio do Património Cultural, nomeadamente das Políticas, Intervenções e Representações deste em contexto urbano europeu. É Doutorando em Turismo Lazer e Cultura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Catarina Pinheiro, licenciada em Física com especialização em Química, é mestre em Ensino de Física e Química na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Dentro da ampla e variada actividade associativa e organizativa, destaca-se o Projecto Social da 'Festa das Latas e Imposição de Insignias', pela Associação Académica de Coimbra (2007), onde assumiu diversos cargos. Em 2005, fez trabalho de produção nas conferências VII ENEF – Encontro Nacional de Estudantes de Física e ICPS – International Conference for Physics Students, realizadas em Coimbra. Foi presidente da PHYSIS – Associação Nacional de Estudantes de Física entre 2007 e 2009, onde coordenou a organização de encontros nacionais de estudantes, sendo convidada para participar em conferências internacionais com destaque para a ICPS em Londres e 3rd International Conference on "Hands-on Science" em Braga. Em 2010 iniciou a sua colaboração no festival 'Caminhos do Cinema Português' onde é, actualmente, responsável pela produção e sponsoring.

Palavras-chave

Cinema, Formação, Ensino, Cinemalogia, Coimbra, Curta-metragem.

Resumo

O cinema tem, nos dias de hoje, um papel cultural e educativo na sociedade constituindo uma prática social importante e que actua na formação geral das pessoas. De facto, apesar de todos os desenvolvimentos técnicos e artísticos através dos quais se foi reinventando, o cinema constitui, independentemente do suporte em que é gravado ou do formato em que é exibido, um dos meios de expressão artística mais complexos que temos acesso. O ensino de cinema e outras técnicas de produção de vídeo digital não tem uma oferta completa na cidade de Coimbra, surgindo assim o curso de formação Cinemalogia – Da Ideia ao Filme. A finalidade da Cinemalogia é a de promover a cultura e a produção cinematográfica na região de Coimbra, conseguindo albergar nos seus conteúdos programáticos as bases de toda a linguagem cinematográfica com uma contextualização histórica até à formulação de equipas e ao financiamento de projectos cinematográficos, aliando-se posteriormente ao desenvolvimento prático intensivo de uma curta-metragem por parte dos formandos e com a orientação especializada dos formadores.

Ao analisar os dados de 2014, observamos que 66,67% dos formandos eram oriundos fora do concelho de Coimbra e que apenas metade eram estudantes, excedendo as expectativas iniciais do Cinemalogia. Através dos dados recolhidos junto dos formandos das três primeiras edições do curso pretendemos analisar o género de formandos que procuram formação na área do cinema e se a esta cumpre o objectivo de promover a cultura e a produção cinematográfica na região de Coimbra.

Título

O CINEMA, A ESCOLA E A SOCIEDADE: DEZ ANOS DE FILMES FALADOS NOS ENCONTROS DE CINEMA DE VIANA

Autor

FABRICE SCHURMANS

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

Nota biográfica

Doutorado em Pós-Colonialismos (Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra), Fabrice Schurmans é titular de duas licenciaturas, Filologia Românica e Artes e Ciências da Comunicação, (Universidade de Liège) e de um mestrado em Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas (Universidade do Porto). Tem publicado livros e artigos assim como traduções de dramaturgos portugueses e críticas de filmes para os Encontros de cinema de Viana do Castelo (<http://www.aonorte.com/cinetextos.php>) assim como para a revista política Virus (<http://www.revistavirus.net/>).

Palavras-chave

Filmes Falados, Encontros de cinema, iniciação na linguagem fílmica, cidadania.

Resumo

O ciclo Filmes Falados, criado em 2005, tem procurado iniciar um público jovem em cinematografias alternativas, e tem tentado, simultaneamente, suscitar debates relativos às problemáticas sociais abordadas nos filmes seleccionados. Nos últimos dez anos, foram exibidos dezenas de filmes a fim de contribuir para a educação para a imagem e pela imagem de alunos e estudantes. Na presença de convidados, profissionais e/o peritos em questões abordadas nos filmes, suscitaram-se assim espaços de debate relativos, entre outros, às origens da crise económica, à violência doméstica, aos problemas presentes no meio escolar, ao racismo nas sociedades ocidentais ou ainda ao conflito israelo-palestiniano. Não se tratou de levar o cinema para o meio escolar mas antes de levar a escola ao cinema, para a prática de cinematografias alternativas oriundas de espaços culturais e linguísticos muito diversos. A

partir deste ponto de vista, esta iniciativa tem contribuído para o desenvolvimento de uma cidadania ativa junto de um público periférico com acesso reduzido às tais cinematografias. Esta comunicação visa, em maneira de balanço, refletir sobre esta larga experiência, apontar para os seus momentos fortes e assim contribuir para o desenvolvimento de uma prática alternativa do cinema com a ambição de formar cidadãos com sentido crítico.

Título

MOBICURTAS - UM DESAFIO À PRODUÇÃO EM CONTEXTO DE ESCOLA

Autor

JOSÉ ISMAEL LOPES GRAÇA

Casa do Conhecimento do Município de Vila Verde

Nota biográfica

José Ismael Graça licenciou-se em Engenharia de Sistemas e Informática pela Universidade do Minho em 1992. Em 2008 faz uma Especialização em Sistemas de Informação também na Universidade do Minho.

Em termos profissionais, é Coordenador da Unidade de Inovação e Conhecimento e da Casa do Conhecimento do município de Vila Verde.

Nos anos letivos de 2005/2006 e 2006/2007 lecionou, como Assistente Convidado, na Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

Nos anos letivos de 2010/2011 e 2011/2012 lecionou, como Assistente Convidado, no Departamento de Sistemas de Informação da Escola de Engenharia da Universidade do Minho.

Em termos de publicações tem 2 artigos e 1 capítulo de livro publicados, nas áreas da "Open Innovation" e das Tecnologias e Educação.

Tem participado como orador convidado em vários palcos: no 13º Congresso Internacional de Cidades Educadoras em Barcelona, no 30º ProfMat da Associação de Professores de Matemática, no 6º Portuguese Makers Hangout promovido pela SAPO; no Mestrado em Supervisão Pedagógico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, entre outros.

Palavras-chave

MobiCurtas, curta-metragem, escola, tecnologia, digital, conteúdos.

Resumo

Nunca como agora foi tão fácil, com as atuais tecnologias digitais, aceder a informação sob a forma de texto, imagem, som ou vídeo. Mas, para além da enorme facilidade de cada um de nós ser consumidor, importa explorar as facilidades postas à nossa disposição pelas tecnologias para produzirmos conteúdos digitais. Trata-se de sermos não apenas consumidores mas também produtores de conteúdos. É neste sentido que surge o MobiCurtas, uma iniciativa promovida pela Casa do Conhecimento do pelouro da Educação, Cultura e Ação Social do Município de Vila Verde. Foi lançado como um desafio aos jovens, alunos do conselho de Vila Verde, para que, através de meios tecnológicos disponíveis no seu quotidiano como os telemóveis, produzam conteúdos multimédia, sob a forma de uma curta-metragem, pondo assim em prática toda a sua criatividade e tendo a possibilidade de aplicar e reforçar as suas competências nas tecnologias e nos conteúdos digitais. A comunicação a apresentar na 4ª Conferência Internacional de Cinema de Viana, para além de uma introdução ao conceito da Casa do Conhecimento, versará o MobiCurtas que será explanado em termos dos objetivos que lhe estão subjacentes, da metodologia adotada e dos resultados obtidos, nomeadamente no contexto do seu contributo para o conceito de "Cidade Educadora".

Título

A INTEGRAÇÃO DO FILME DIDÁTICO E EDUCATIVO EM PLATAFORMAS DIGITAIS

Autores

FOUAD NEJMEDDINE, PEDRO BRANCO, J. ANTÓNIO MOREIRA

Universidade Aberta

Notas biográficas

Fouad Nejmeddine

Doutorado em Ciências Biomédicas pela Universidade Paris13 (Paris-Nord). Concluiu Programa de Pós-Doutoramento em Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Possui um Diploma de Realização pela Escola Técnica de Imagem e Comunicação- ETIC, Lisboa. Investigador no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e na Unidade Móvel de Estudos do Local (ELO) da Universidade Aberta. Formador na área das Tecnologias Audiovisuais. Tem organizado seminários e congressos na área do Cinema Científico.

J. António Moreira

Doutorado e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra. Concluiu Programa de Pós-Doutoramento em Tecnologias Educacionais e da Comunicação também na Universidade de Coimbra. Possui Curso de Mestrado em Multimédia pela Universidade do Porto. Professor Auxiliar no Departamento de Educação e Ensino a Distância (DEED) da Universidade Aberta (UAb). Atualmente é Diretor da Delegação Regional do Porto da UAb e Investigador no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e na Unidade Móvel de Estudos do Local (ELO) da

Pedro Branco

Licenciado em Design de Equipamento pela Escola Superior de Artes e Design em Matosinhos e em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Especialista em Medicina Física e de Reabilitação e Medicina Desportiva. Leciona no módulo de Traumatologia Desportiva na pós-graduação de Medicina Desportiva da Faculdade de Medicina do Porto. Possui um Curso de Cinematologia dos Centros de Estudos Cinematográficos de Coimbra. Frequenta o Mestrado de Som e Imagem, especialidade Cinema e Audio-visual, na Escolas das Artes da Universidade Católica. Investigador na Unidade Móvel de Estudos do Local (ELO) da Universidade Aberta.

Palavras-chave

Filme didático, escola, plataformas digitais, modelo pedagógico.

Resumo

O início deste novo século colocou as escolas, e o ensino em geral, perante um cenário tecnológico repleto de informação digitalizada e de realidades virtuais e no meio de uma grande explosão de comunicação audiovisual. Perante esta realidade deparamo-nos com a necessidade de (re)pensar e apostar na renovação dos processos de ensino-aprendizagem, numa escola cada vez mais plural e onde a exigência de uma pedagogia versátil e personalizada é inquestionável. Muitos professores, respondendo a este desafio têm procurado integrar os filmes didáticos e educativos nas suas atividades letivas, quer em ambientes presenciais, quer em ambientes online suportados por plataformas digitais. No entanto, quer por razões pedagógicas, técnicas ou formativas, nem sempre tem sido tarefa fácil. Assim, optámos por realizar uma abordagem que aponte algumas possibilidades de exploração e integração destes filmes em contexto de sala de aula. Assim, com o intuito, de estudar fundamentadamente estas questões, mas também de procurar ajudar professores e formadores a utilizar pedagogicamente estes recursos, neste texto são apontadas algumas estratégias pedagógicas e um modelo de aprendizagem de suporte, no sentido de promover o uso eficiente do filme didático e educativo em plataformas digitais.

Anfiteatro . 15:00h às 18:00h

2ª Mesa

Título

O IDEÁRIO ROUSSEAUNIANO PELA ÓTICA CINEMATOGRAFICA

Autor

BARBARA RODRIGUES BARBOSA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Nota biográfica

Barbara Rodrigues Barbosa possui graduação em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012). Atualmente é mestranda do Programa de Pós Graduação pela mesma instituição.

Palavras-chave

Rousseau, cinema, educação.

Resumo

A discussão sobre como Cinema e Filosofia se comunicam, se cruzam ou ainda de como a narrativa e as imagens cinematográficas teriam a capacidade de ser como filosofar, isso é “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE, 1992); motivou os questionamentos contidos nesse artigo.

Pensar o cinema como ferramenta de ensino na aprendizagem dos conceitos filosóficos, ou melhor, se é possível falar “de filosofia no cinema ou filosofia através do cinema” (CABRERA, 2006, p.23) é o norte do tema discutido por esse artigo. Essa argumentação se dará através da análise do curta L’homme est-il Bon?, de Basil da Cunha, retirado da coleção intitulada La Faute à Rousseau, que reúne 55 curtas-metragens de variados gêneros e visam mostrar a atualidade do pensamento de Rousseau, como parte da realização das comemorações do tricentenário de seu nascimento (2012). O Curta nos serve como material de referência imagética e representativa dos conceitos filosóficos que o genebrino Jean-Jacques Rousseau nos apresenta em obras como o Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade dentre os Homens (1755), Emilio ou da Educação (1762) e Do Contrato Social (1762).

Devemos levar em conta que Rousseau não poderia pensar essa forma de arte que é o cinema, por isso aproximar seus conceitos a qualquer representação cinematográfica é um trabalho que exige cautela, pois corremos o risco de deturbar aquilo que foi posto pelo autor na obra. Assim, o que fazemos aqui não é comparar obras filosóficas com cinematográficas, como se tratassem do mesmo assunto, ainda porque, que mais não fosse, ambas utilizam-se de linguagens diferentes; mas antes pensar se os temas propostos por Rousseau podem ser representados no cinema; entendendo que o cinema pode ser incluído “nos currículos escolares como legítimo objeto de estudos ou como documento para o estudo de problemática da historia e das ciências sociais” (RIBEIRO, 2006) bem como problemáticas relativas à filosofia, tal qual este artigo tentará apresentar.

Título

EMÍLIO OU A EDUCAÇÃO VISTO POR JOVENS CINEASTAS NO SÉCULO XXI

Autores

MARIA CONSTANÇA PERES PISSARRA

PUC, S. Paulo

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

CEMRI, UAB

Notas biográficas

Maria Constança Peres Pissarra

Doutora em Filosofia, professora do Departamento de Filosofia da PUC/SP, coordenadora do Colóquio Internacional Rousseau 300 anos (setembro 2012 PUC/USP), coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ética e Filosofia Política da PUC/SP, pesquisadora associada do Diversitas/FFLCHUSP, editora das Oeuvres Complètes de Jean-Jacques Rousseau, Editions Garnier.

José da Silva Ribeiro

Doutor em Antropologia. Professor de Antropologia e Antropologia Visual, investigador do Centro de Estudos das Migrações das Relações Interculturais, coordenador do GI Media e mediações culturais, Universidade Aberta. Desenvolve atualmente investigação em Antropologia Visual e Hipermedia e em Metodologias audiovisuais digitais participativas de pesquisa. Coordena a rede de grupos de investigação Imagens da Cultura / Cultura das Imagens.

Palavras-chave

Emile, observação da infância, educação, jovens cineastas, diversas culturas

Resumo

Em 1762 Rousseau escreve uma “coleção de reflexões e observações sem ordem e quase sem ligações” destinado às mães por ele consideradas como as agentes mais importantes na educação das crianças. Com estas reflexões, que Rousseau hesitou em publicar, pretendeu chamar a atenção para estes assuntos (as crianças e a educação) e inspirar outros a fazerem-no. 300 anos depois o desafio parece ainda válido. A observação e a conceção da criança e da educação constituiu uma centralidade de muitos investigadores, cientistas sociais e pedagogos. As conceções de Rousseau são, ainda hoje, objeto de debate em políticas de educação. Interessa-nos na presente comunicação apresentar os filmes realizados por jovens cineastas de diversas culturas e quadrantes político-ideológicos – Turquia, Estados Unidos, Alemanha, Líbano, França, Reino-Unido a partir de Emile de Jean Jacques Rousseau. Os filmes foram produzidos em 2012 nas comemorações dos 300 anos do nascimento de Rousseau no âmbito do projeto La faute à Rousseau (Rita Productions, HEAD, RTS e a cidade de Genève) dirigido por Pierre Maillard da HEAD - Haute école d'art et de design de Genève.

Título

CINEMA, LITERATURA E EDUCAÇÃO DOS JOVENS. PROPOSTAS DIDÁTICAS

Autor

ROSA MARIA SEQUEIRA

CEMRI - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, Universidade Aberta

Nota biográfica

Rosa Maria Sequeira é atualmente Coordenadora Científica do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) e Professora Auxiliar da Universidade Aberta no Departamento de Humanidades, onde desempenha funções de coordenação de cursos de 1º e 2º ciclos. Os seus interesses de investigação são os Estudos Interculturais, os Estudos Comparados, o Ensino da Literatura, a Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea e, no âmbito do Português Língua Não Materna, a Comunicação Intercultural. Foi conferencista convidada de universidades portuguesas e estrangeiras.

Palavras-chave

Cinema, literatura, educação, didática.

Resumo

Os enredos da literatura e do cinema que possam relacionar-se com os problemas e a vida dos jovens têm mais impacto na qualidade da sua resposta. É essa relação que pode propiciar mais facilmente o seu envolvimento e a reflexão sobre o sistema de valores próprio e o dos outros, isto é, sobre o seu mundo individual e o mundo social. Este artigo considera os domínios artísticos e educativo, considerando a educação para a arte e colocando em relação a experiência estética do jovem, a crítica social e a expressão criativa a propósito das versões fílmicas de O Deus das Moscas realizadas com base no romance de William Golding. A partir delas são propostas atividades que desafiam as práticas didáticas tradicionais.

Título

O TEXTO FÍLMICO GLORY COMO DOCUMENTO DE ESTUDO DA HISTÓRIA

Autor

CONSTANÇA AUGUSTA DA SILVA COELHO

CEMRI - Centro de Estudos das Migrações e da Relações Interculturais

Nota biográfica

Doutoranda no ramo de Literatura - Especialidade de Literatura Norte-Americana - Universidade Aberta - Lisboa, com a tese intitulada "Literatura, Cinema, História - Relatos das Memórias de um Povo: O Texto Fílmico - um Instrumento na Investigação Histórica". Mestre em Estudos Norte-Americanos - Universidade Aberta - Lisboa. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Ingleses e Alemães - Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade Clássica. Estágio do Ramo Educacional realizado na Universidade Clássica de Lisboa, com a duração de 2 anos. Professora na Escola de Dança do Conservatório Nacional - Lisboa do grupo 330 (Inglês e Alemão) Formadora no Domínio das Didácticas Específicas na Formação Contínua de Professores.

Palavras-chave

literatura, história, cinema, recriação, memória.

Resumo

A relação existente entre a história e o cinema remonta há cerca de cinco décadas, altura em que foram definidos alguns conceitos fundamentais acerca dessa ligação e que permitiram que a obra cinematográfica constituísse um documento de estudo da história.

Nesta comunicação, decidimos analisar, segundo a Tradição de Hollywood preconizada pelo historiador Robert Rosenstone, de que modo o texto fílmico histórico *Glory*, do realizador Edward Zwick, fruto da adaptação de três obras não-ficcionadas e de uma leitura eivada de subjetividade, pode contribuir para a divulgação do conhecimento histórico e pode recriar a história da organização, treino e atuação do 54º Regimento de Voluntários de Massachusetts, que se destacou pelo seu desempenho na Guerra Civil Americana.

Título

CINEMA E EDUCAÇÃO: POLÍTICAS PÚBLICAS E A SISTEMATIZAÇÃO DE UM NOVO/ANTIGO CAMPO EM PORTUGAL

Autor

RAQUEL PACHECO

Universidade Nova de Lisboa / Universidade Federal Fluminense

Nota biográfica

Raquel Pacheco é investigadora bolsista da FCT - Fundação para Ciência e Tecnologia, profissional de Comunicação Social, produtora e professora na área do audiovisual, mídia educação e da comunicação. Graduada em Cinema pela UFF - Universidade Federal Fluminense, é mestre e doutoranda em Ciências da Comunicação, na vertente Estudo dos Media e do Jornalismo pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pela Universidade Federal Fluminense. Trabalhou para algumas produtoras brasileiras, entre elas destaca-se a Conspiração Filmes e a Globo Filmes; como produtora e curadora de festivais de cinema (no Brasil, Angola e Portugal), curtas metragens e assistente de direção e montagem além de coordenar diversos vídeos na área da mídia-educação. É coordenadora do projecto Media e Literacia <http://midialiteracia.blogspot.com.br/>, e, investigadora colaboradora do CICS.Nova - Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Possui artigos publicados na área da Mídia Educação e da Educação Audiovisual e o livro "Jovens, Mídia e Estereótipo. Diário de Campo numa escola dita problemática", pela Livros Horizonte, Lisboa.

Resumo

"As aulas de cinema são muito proveitosas, não digo excepcionalmente necessárias, mas sempre é bom saber um pouco mais sobre o mundo que vivemos para não passarmos por ignorantes." (Bárbara, 15 anos)

Esta proposta de comunicação baseia-se em uma investigação sobre a relação entre crianças e jovens e a educação audiovisual em diferentes contextos socioculturais portugueses, o trabalho apresenta algumas reflexões sobre o nível de literacia fílmica gerada a partir de projetos de educação audiovisual desenvolvidos em territórios nacionais.

Em 2012 um consórcio liderado pela BFI (British Film Institute) fez um levantamento do nível e da oferta de literacia fílmica nos países da União Europeia, este trabalho foi financiado pela Comissão Europeia que acredita que literacia seja uma combinação entre leitura e escrita e que define: "Literacia fílmica é o nível de compreensão de um filme, é a habilidade de ser consciente e curioso na escolha dos filmes (...)"

Portugal é um dos países que participaram deste levantamento e por sua vez criou uma nova Lei para o Cinema e Audiovisual e lançou um Plano Nacional de Cinema.

Através de uma fundamentação teórica tendo como base conceitos e estudos realizados sobre a educação para os media, literacia fílmica, e, de um trabalho de campo acompanhando diferentes projetos de educação audiovisual conseguimos perceber sobre a necessidade de sistematização deste antigo/novo campo que é a educação audiovisual.

Sala 11 . 10:30h às 13:30h

CINEMA, ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

1ª Mesa - Coordenação da mesa: Anabela Dinis Branco de Oliveira, Manuela Penafria, José da Silva Ribeiro

Título

20 ANOS DE CINEMA PARADISO - UMA EXPERIÊNCIA PARTICIPADA DE CULTURA CINEMATOGRAFICA.

Autor

CLÁUDIA DE ALMEIDA MOGADOURO

Universidade de S. Paulo

Nota biográfica

Cláudia de Almeida Mogadouro é historiadora, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE) e do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da USP (OBCOM). Sua tese versa sobre Cinema e Educação. Tem se dedicado principalmente à formação audiovisual de educadores. É articulista do Portal NET Educação e é criadora e coordenadora do Grupo Cinema Paradiso.

Palavras-chave

Cinema; Grupo Cinema Paradiso; Estudos de Recepção; Transdisciplinaridade.

Resumo

O presente artigo conta a história de um grupo informal, existente na cidade de São Paulo, que surgiu com intuito de combater a alienação cultural que a vida cotidiana, potencializada pela mídia, acaba provocando. O cinema foi escolhido como mediação para reflexões sobre comportamento, conjuntura política, questões do dia a dia, de forma a enriquecer culturalmente a vida dessas pessoas. O desejo de encontros presenciais em uma megalópole, cujo cotidiano é cada vez mais avassalador, estava também na base dessa iniciativa. O grupo, que mais tarde passou a se chamar Cinema Paradiso – em homenagem ao filme de Giuseppe Tornatore, de 1988 – formou-se em julho de 1995, na casa da Dona Elza, uma cinéfila que faz do cinema seu hábito cultural mais frequente. Ela e seus filhos reuniram os amigos e propuseram uma sistematização dos encontros culturais, tendo o cinema como pauta. As reuniões passaram a ser quinzenais e apresentam, até hoje, a seguinte dinâmica: escolhe-se democraticamente um filme que esteja em cartaz nas salas de cinema da cidade; cada participante vai à sessão no seu horário de conveniência e as pessoas se encontram para discutir o filme já visto.

Em julho de 2015, o Grupo Cinema Paradiso completará 20 anos de atividade ininterrupta, mantendo-se sempre aberto a novos participantes e garantindo a informalidade proposta desde o início. Hoje, as reuniões presenciais agregam de 20 a 25 participantes por encontro. As principais características do inédito grupo são: reunir pessoas de várias idades e ocupações que gostam de cinema; escolher filmes com diversas estéticas e cinematografias; valorizar a troca de ideias, a leitura crítica e a sociabilidade a partir da paixão pelo cinema; cada pessoa constrói uma nova interpretação a partir da combinatória de outros olhares. Desde 1998, o grupo publica um boletim quinzenal, que circula por correio eletrônico, com artigos de amigos do grupo, portanto, de crítica não especializada. O periódico, que já conta com quase 400 edições, alcança aproximadamente mil pessoas, entre frequentadores atuais, antigos e simpatizantes. É incalculável o número de pessoas que já passaram pelo grupo e mais de 500 filmes já foram objeto de discussão.

A experiência longa e inédita do Grupo Cinema Paradiso torna-se hoje objeto de estudo, como um grupo de resistência e defesa da cidadania, já conhecido da cena cultural paulistana. A perspectiva inicial desse estudo é do pensamento latino-americano da Comunicação, especialmente dos estudos de recepção, ao se considerar a diversidade de interpretações possíveis de uma obra audiovisual, construindo novos sentidos a partir do repertório de cada espectador. A obra fílmica é a mediação que, a partir da troca de ideias divergentes, possibilita o desenvolvimento da alteridade e de uma perspectiva humanista da sociedade.

Título

ROUSSEAU VAI AO CINEMA

Autor

MARIA CONSTANÇA PERES PISSARRA

PUC SP

Nota biográfica

Doutora em Filosofia, professora do Departamento de Filosofia da PUC/SP, coordenadora do Colóquio

Palavras-chave

Rousseau, 3º Centenário, Passagem de Rousseau ao cinema, La faute à Rousseau.

Resumo

Em 2012, por ocasião do 300 aniversário do nascimento de Jean-Jacques Rousseau, Pierre Maillard reuniu à sua volta “cineastas e artistas, cidadãos de Genève e do mundo, jovens estudantes e cineastas de renome” na construção de uma “vasto mosaico” de 55 pequenos filmes reunidos na coleção La faute à Rousseau – dois eixos. Três notas relevantes se nos afiguram neste projeto de passagem de Rousseau ao cinema. Na coleção cada realizador propõe um ponto de vista, uma visão singular, que convida a uma viagem, a uma leitura a uma meditação silenciosa. O projeto constituiu uma oportunidade de mergulhar na temática com “criatividade de rigor, invenção e interpretação” juntado a liberdade que o cinema tem com a irreverência dos jovens estudantes das escolas de arte. O projeto espalhou-se por todos os continentes e em múltiplos eventos – festivais de cinema, conferências, exposições ou em situações de ensino do cinema, de ciências humanas ou de reflexão / conhecimento da obra de Rousseau e atualização /atualidade das suas interpretações e reinterpretações. Propomo-nos trazer para o espaço desta conferência a apresentação global do projeto e a proposta de exploração dos filmes em situações de ensino do cinema, de ciências humanas e da reflexão sobre a atualidade da obra de Rousseau.

Título

LA IMAGEN DE LA CRISIS EN EL DOCUMENTAL DEL SUR DE EUROPA

Autor

JOSÉ MANUEL PELÁEZ ROPERO

CECS/ Universidade do Minho

Nota biográfica

Doutorado em História Contemporânea pela Universidade de Salamanca (Espanha), e na atualidade, investigador e Bolseiro de Doutoramento FCT no CECS da Universidade do Minho, com um projeto de tese sobre a edição portuguesa do No-Do espanhol.

Palavras-chave

Imagem; crise económica e social; Portugal; Espanha; ; Italia; Grécia.

Resumo

El estallido de la crisis en 2008 y su brutal impacto en el sur del continente europeo ha tenido una especial incidencia en el cine documental que se realiza en esta zona del mundo. En esta comunicación pretendemos abordar la imagen que los documentalistas portugueses, españoles, italianos y griegos han ofrecido de la crisis socioeconómica, y cómo se ha ido gestando una imagen alternativa a los discursos oficiales de la misma, que ha acompañado al desarrollo de un vasto movimiento de respuesta a las políticas de austeridad aplicadas por la Troika.

Sala 11 . 15:00h às 18:00h

2ª Mesa

Título

A INTERPRETAÇÃO DE FILMES “CULT” POR JOVENS HABITUADOS A FILMES COMERCIAIS

Autor

CLAUDETE MORENO GHIRALDELO

Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) / Universidade de Taubaté (UNITAU)

Nota biográfica

Professora do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), na área de Comunicação e Ciências Sociais, e Professora Colaboradora da pós-graduação em Linguística Aplicada, da Universidade de Taubaté (UNITAU). Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP, Brasil (2002). Atualmente, coordena dois projetos que envolvem cinema, um deles é com estudantes do Ensino Médio (de 15 a 18 anos), intitulado “Cinema e escrita (de si) - experiências com a escrita de alunos do Ensino Médio”, desde 2012, que conta com apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e o outro projeto é com estudantes do programa EJA (Educação de Jovens e Adultos), estudantes com idades entre 18 e 50 anos, intitulado “A tecnologia do cinema na construção da educação e da cidadania”, desde 2012, que conta com bolsas de estudo para estudantes universitários do CNPq

Palavras-chave

Cinema e escrita; Cinema e Ensino de Língua Portuguesa; Ensino Médio (Brasil).

Resumo

Esta comunicação apresenta resultados de uma pesquisa que consiste na interpretação de filmes “cult” (não comerciais ou filmes de autor) e posterior produção de textos de variados tipos e de vídeos de curta duração por estudantes do Ensino Médio, de 15 a 18 anos, de uma escola pública de São José dos Campos, SP, Brasil. Habitados a assistirem basicamente a filmes comerciais, produzidos nos Estados Unidos, diversos aspectos da narrativa e linguagem cinematográficas comuns a filmes “cult” costumam passar despercebidos pelos estudantes. Fundamentada no quadro de referências teórico da Análise de Discurso francesa, no campo da Linguística, e da Psicanálise lacaniana/freudiana, os conceitos mobilizados para análise dos filmes e das produções dos alunos são principalmente o de “discurso”, “texto”, “interpretação”, “sujeito” e “subjetividade”, considerando que os filmes cinematográficos comportam as linguagens visual, verbal e sonora. O desenvolvimento da pesquisa consiste na exibição de filmes, seguida de exposições dialogadas do professor com os estudantes sobre as características dos filmes, com ênfase para a estrutura narrativa e para os aspectos da linguagem cinematográfica, como posição de câmera, iluminação, planos de filmagem, cenário, efeitos sonoros, atuação dos atores, dentre outros. Na sequência, os estudantes produzem textos variados sobre os filmes por meio dos quais, juntamente com os registros dos diários de pesquisa, é possível observar algumas mudanças na maneira de esses estudantes interpretarem os filmes. Além da escrita de textos sobre os filmes, os estudantes produzem, ao longo de cada ano escolar, vídeos de curta duração sob a coordenação de professores da escola nas áreas de Língua Portuguesa, História e Arte. Para a criação dos vídeos, em equipes, eles elaboram roteiros, ensaiam as tomadas de cena, filmam as cenas e editam o filme. Com os resultados de interpretação de filmes, que se detecta nos diálogos em sala de aula entre estudantes e professor, nos textos e vídeos de curta duração produzidos pelos estudantes, pudemos perceber a necessidade de um trabalho sistemático junto a eles, a fim de mobilizá-los para a apreciação de filmes variados, o que poderá ampliar largamente a capacidade deles de interpretação de textos verbais e visuais, assim como os efeitos sonoros. (Esta pesquisa conta com o apoio financeiro da FAPESP, processo 2011/51271-9.)

Título

TERNURA ENTRE HUMANO E NÃO-HUMANO NO CINEMA: UM EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO DA SOCIEDADE REINVENTADA

Autor

MARIA EMÍLIA FERRARI

Universidade de São Paulo

Nota biográfica

Possui graduação em Ciências Sociais - bacharelado (1987) e licenciatura plena (1988) - pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, especialização Latu Sensu em Educação Corporativa pela Fundação São Paulo - Pontifícia Universidade Católica (2004). Desde 2013 é estudante do curso Licenciatura em Educomunicação na Faculdade de Comunicação da Universidade de São Paulo, concentrando interesse pelos temas: Complexidade, Convergência midiática na interface Cinema e Educação.

Palavras-chave

Cinema. Convergência midiática. (Pós)Modernidade. Monadologia.

Resumo

O movimento fluido, difuso da sociedade atual do aqui e agora (Bauman, 2001) remete e reposiciona o mundo para além das eras de globalização contabilizadas até a chamada Modernidade. Trata-se, agora, da era do mundo digital, da era da convergência de todas as mídias e todas as coisas em que se evidencia a (inter)ação entre humanos e não-humanos (Latour, 1994), para além do que se convencionou chamar de Pós Modernidade. O mundo antes organizado e explicado a partir da realidade una, conforme prepondera à vertente positivista, parece ter se tornado fugidio. Tanto quanto a vida cotidiana também se torna igualmente fugidia à apreensão alicerçada em domínios ontológicos prévios, de mão única, entre Natureza-Cultura, Indivíduo-Sociedade.

Dialogando com esse ponto de vista e instigada pelo fato de que o advento das mídias digitais legou à existência contemporânea a possibilidade de programar qualquer coisa – ou seja, traduzir qualquer linguagem em combinação binária - desenvolveu-se o presente estudo: apresentação comparada entre Modernidade e Pós Modernidade, privilegiando quesitos característicos da era analógica e digital que provocaram deslocamentos, percepções diferenciadas de distância (que parece estreitada entre continentes) e tempo (que parece mais acelerado que sua contagem original) em todos os segmentos constitutivos da vida social. Tais deslocamentos, ontológicos e epistemológicos, diferentemente da identidade individual positivista, tendem a indicar que o universo sociológico não é mais exclusivamente humano, considerando que o não-humano – todas as coisas - é igualmente comensurável e comparável. Cada indivíduo é, ele mesmo, uma rede, uma multidão, uma malha de relacionamentos e relações que afronta a dualidade convencional entre natureza-cultura, indivíduo-sociedade. As entidades indivíduo e sociedade não se fecham em si mesmas por-

que não são autônomas e nem funcionam do mesmo modo. Antes, qualquer existência se define pela infinitésima diferença e não se restringe a um único campo ou área de conhecimento. A ênfase das dualidades referidas migra das extremidades para a passagem entre elas. Nessa, a mediação do muito pequeno, da diferença infinitesimal, se define pelo lugar onde está, onde age, posto que sua essência está no monismo de cada sua ação (Tarde, 2007).

O exemplo que se nos inspira para ilustrar os deslocamentos a que nos referimos acima vem do Cinema com o filme *Her* (2013), do diretor e roteirista Spike Jonze. Enredado pela história de amor entre um escritor e o sistema operacional de seu computador, o filme tangencia ainda a re-ordenação provocada por aqueles deslocamentos quanto às formas de (inter)ação, meios comunicacionais, os quais, extrapolando a organização da vida sócio-político-econômica-cultural, chega a tocar a emoção, afetar a ternura e a repositonar, igualmente, a relação humano não humano, como nos sugere o filme.

Com o estudo acreditamos ser possível compreender que dualismos entre entidades possam ser abertos e seus pares, autônomos. Sob a noção da Complexidade, buscamos a possibilidade de construir domínios ontológicos de forma a observar o sentido de mão dupla que se revela entre naturezas <-> culturas, indivíduos <-> sociedades.

Título FIGURAÇÕES DO POVO NO CINEMA DE ALOYSIO RAULINO

Autor
VICTOR RIBEIRO GUIMARÃES
Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil

Nota biográfica

Mestre e Doutorando em Comunicação Social pela UFMG. Crítico da revista Cinética, professor da graduação em Cinema no Centro Universitário UNA e integrante do grupo de pesquisa Poéticas da Experiência (UFMG). Programador do Cineclube Comum, integrante da curadoria do forumdoc.bh (2012 a 2014) e coordenador de programação do 16º Festival Internacional de Curtas de BH (2014). Tem textos publicados em revistas como Devires (Brasil), Imagofagia (Argentina), Lumière (Espanha), La Furia Umana (Itália) e Senses of Cinema (Austrália).

Palavras-chave

Documentário brasileiro; alteridade; Aloysio Raulino.

Resumo

Entre as figurações da alteridade engendradas pelo cinema brasileiro ao longo do século XX, uma obra se destaca por sua coerência, sua heterogeneidade e seu vigor estético e político: trata-se do cinema de Aloysio Raulino, realizador que dedicou toda uma vida a inventar – e a inventar – figuras do povo a cada novo filme. Mais conhecido por ser um de nossos maiores diretores de fotografia – fotografou mais de cem filmes –, Raulino possui uma obra autoral vibrante e original, que se estende do início dos anos 1970 até o começo do século XXI. Esses filmes – alguns já integrantes de certo cânone do cinema brasileiro –, a maior parte desconhecida – vêm sendo redescobertos aos poucos –, e revelam uma conjunção notável de traços estéticos frequentemente considerados antagônicos ou inconciliáveis: a devoção ao encontro com os sujeitos filmados e o trabalho construtivo da montagem; a força indiciária da situação de filmagem e a meditação intelectual do ensaio; a atenção à integridade das falas dos homens comuns e a intervenção analítica de citações literárias, filosóficas e musicais diversas; o improviso da performance e o anti-naturalismo da pose; as potências do direto e o gesto francamente alegórico; o engajamento político e a liberdade da criação poética de vanguarda.

Nossa investigação busca conceber a obra de Raulino como um laboratório de formas de figurar a alteridade, ou seja, como um repositório autônomo de pensamento – fílmico – sobre essa questão. Se levamos a sério a noção godardiana do cinema como forma-que-pensa, seria possível conceber uma investigação que se coloca diante de outra, ou seja, um pensamento analítico que se coloca diante de um cinema que é, em si mesmo, produtor de conhecimento. Ao investigar de perto as figurações do povo no cinema de Raulino, buscamos contribuir para renovar as discussões contemporâneas em torno da relação entre o cinema e a alteridade.

Título ATÉ AMANHÃ, CAMARADAS: IMAGENS DA RESISTÊNCIA NO TEMPO DA DITADURA

Autor
MARIA DO CÉU MARQUES
CEMRI, Universidade Aberta

Nota biográfica

Professora Auxiliar, de nomeação definitiva, na Universidade Aberta, é licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorada em Filologia Inglesa pela Universidade de Salamanca. É investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Laboratório de Antropologia Visual e colaboradora do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). Tem orientado dissertações de mestrado e teses

de doutoramento na área dos Estudos Ingleses e Americanos (literatura e cinema), das Ciências da Educação e participado em vários encontros e conferências em Portugal e no estrangeiro. É autora de vários artigos nas áreas da literatura, cultura e cinema publicados em atas de congressos nacionais e internacionais e capítulos de livros.

Palavras-chave

Comunista, resistência, Salazar, trabalhador, clandestinidade

Resumo

O cinema pela sua complexidade artística, é concebido como um veículo das representações de uma sociedade. À semelhança do que acontece com o livro, o filme tem a capacidade de enviar uma mensagem ao espectador e ambos, livro e filme, conduzem ao mundo do imaginário assim como recriam a realidade. O filme *Até Amanhã*, *Camaradas* baseado na obra homónima de Manuel Tiago, pseudónimo de Álvaro Barreirinhas Cunhal, secretário-geral do PCP, que nos propomos abordar, é um retrato vivo das lutas populares que ocorreram no vale do Tejo durante a ditadura fascista em que Portugal esteve mergulhado. A organização de uma greve geral no Ribatejo com a ajuda do Partido Comunista Português, que uniu pessoas de diferentes classes sociais, acabaria por não conseguir atingir os objetivos propostos devido à atuação da Polícia Política (PIDE) que prendeu, torturou e matou muitos dos participantes. No entanto, as baixas sofridas não desmobilizaram os trabalhadores nem o Partido Comunista que não desistiram de lutar pelos seus direitos.

Título

ODE MARÍTIMA - UMA HISTÓRIA DO MAR PORTUGUÊS NO CINEMA.

Autor

SABRINA DOMINGUES MARQUES

Ministério da educação UERJ

Nota biográfica

Sabrina Marques estudou cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema e licenciou-se na vertente de Cinema e Televisão do curso de Ciências da Comunicação (Universidade Nova de Lisboa). Encontra-se atualmente a terminar o mestrado em Filosofia Contemporânea na Universidade do Porto. Realizou a curta-metragem documental "Fragil" (2010) Investiga e publica regularmente sobre cinema desde 2009. Entre outros meios de comunicação, colaborou com as revistas La Furia Umana, Undercurrent, Lumière, Cinergia, com a editora Masters of Cinema, com os sites portugueses À Pala de Walsh, Cinédrio, Rua de Baixo e Rádio Zero. Encontra-se de momento a terminar o documentário "Hotel Radioactivo" (2014), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Palavras-chave

Cinema Português, Mar, Ultramar, Estado Novo

Resumo

A representação de uma tão estreita ligação portuguesa ao mar atravessa as várias identidades do cinema português, à medida que o seu significado simbólico se vê redefinido pela própria evolução histórica e política. Se *MARIA DO MAR* de Leitão de Barros lança em 1930 um dos caminhos precursores no género da etno-ficção, marca também o início da relação do cinema português com uma dimensão mítica, trágica e heróica, associada aos ofícios marítimos que viria a ser que viria a ser recorrente nos filmes do Estado Novo - no subtexto, um mar domesticado pelo heroísmo português lança um caminho seguro ao restante território além-mar, o ultramar. Ao filmar *NAZARÉ* (1952), será Manoel Guimarães o primeiro a esboçar uma abordagem neo-realista à vida dos pescadores, mostrando as precariedades e incertezas da vida dependente do mar, tema a que o cinema novo dará continuidade, nos anos 60. Ao filmar *MUDAR DE VIDA* (1966), Paulo Rocha faz corresponder o modo de vida piscatório à própria pobreza do país sob a ditadura. Caído o Estado Novo, os "filmes aquáticos" de João César Monteiro, *À FLOR DO MAR* (1986) e *O ÚLTIMO MERGULHO* (1992), com actores estrangeiros, distinguem-se da sua obra prévia, parecendo carregar já uma visão europeísta, estrangeira, do mar português, praticamente paralela à adesão do país à CEE. Ao mesmo tempo que o turismo se transforma no recurso de salvação económica que o discurso político sempre carrega, no cinema ensaia-se um ponto de vista crítico sobre esse "mar das férias", até *EM CÂMARA LENTA* (2012) de Fernando Lopes. Com *BALAO* (2007) e *É NA TERRA E NÃO NA LUA* (2011) Gonçalo Tocha dá, com força poética, início a uma descrição documental das particularidades na vida nas ilhas. Com *DESTE LADO DE RESURREIÇÃO* (2012), Joaquim Sapinho distingue-se ao procurar retratar o mar como um elemento divino, existência de adoração religiosa, elementar e atemporal.

Título

RECONFIGURAÇÕES DE UM CLÁSSICO: AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO NA ADAPTAÇÃO FÍLMICA "UM AMOR DE PERDIÇÃO" (2008) DE MÁRIO BARROSO

Autor

ISABEL RIO NOVO, CÉLIA VIEIRA, MARIA HELENA PADRÃO

ISMAI

Nota biográfica

Isabel Rio Novo

*É doutorada em Literatura Comparada pela Universidade do Porto. É Professora Auxiliar no Instituto Universitário da Maia (ISMAI) e investigadora do Centro de Investigação em Artes e Cultura (CIAC). Possui várias publicações nos domínios dos estudos literários e estudos comparatistas, com destaque para *Intermedia. Etudes d'Intermédialité*. Paris: L'Harmattan, 2010, e *A Missão Social da Poesia. Teorizações Poéticas em Portugal e Suas Orientações Francesas*, Maia: Edições Ismai, 2008. Coorganizou as três edições do Colóquio Internacional em Estudos Intermédia do ISMAI. É membro da comissão editorial da revista *Intermedia Review*. An online peer-reviewed publication on art, culture and media. É também autora de ficção.*

Célia Vieira

*É professora auxiliar no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), investigadora do CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação) e diretora do Centro de Estudos de Língua, Comunicação e Cultura (CELCC) do ISMAI. Especializou-se no domínio da literatura comparada, com a tese de doutoramento *Teoria do Romance Naturalista Ibérico e sua Orientação Francesa*, e possui várias publicações nos domínios dos estudos comparatistas e intermédica, da narratologia, da literatura portuguesa e das humanidades digitais, com destaque para a co-organização, com Isabel Rio Novo, dos volumes *António Gedeão / Rómulo de Carvalho - Novos Poemas para o Homem Novo* (Edições ISMAI, 2008) e *Inter Media. Littérature, Cinéma et Intermédialité* (Éditions L'Harmattan, 2010), bem como diversos artigos em revistas científicas e capítulos em obras coletivas. Pertence à comissão editorial de diversas revistas científicas, de que se destaca a publicação eletrónica *Intermedia Review*. Atualmente coordena o projeto de investigação e o site *Página Literária do Porto*, disponível no endereço www.paginaliterariadoporto.com e integra a equipa do projeto *E-poeticae* – textos de teorização literária on line (www-e-poeticae.com)*

Maria Helena Padrão

É doutorada em Teoria da Literatura e Linguística Geral pela Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela. É Professora Auxiliar no Instituto Universitário da Maia (ISMAI) e investigadora do Centro de Investigação em Artes e Cultura (CIAC).

Resumo

A reflexão acerca da adaptação de obras literárias a narrativas fílmicas tem vindo a orientar-se para a compreensão da adaptação enquanto processo criativo que requer uma transcodificação intersemiótica, implicando a conversão de uma narrativa literária num polisistema semiótico (Stam, 2005; Hutcheon, 2006; Sousa, 2012). Com efeito, enquanto uma narrativa literária se constrói exclusivamente através da linguagem verbal, numa narrativa fílmica à linguagem verbal juntam-se a fotografia, a imagem dinâmica, o som, os efeitos sonoros... Porém, se o antigo debate acerca da fidelidade da adaptação ao original literário, hoje desacreditado, tende a ser substituído pela compreensão de que a adaptação fílmica é inevitavelmente diferente da obra literária que lhe dá lugar, não se exige menos ao cineasta que consiga operar a (re)invenção da obra pré-existente, na tentativa de (re)encontro de uma essência previamente intuída.

Nesta medida, se a adaptação fílmica de uma obra-prima da literatura portuguesa como *Amor de Perdição* (1862), de Camilo Castelo Branco, constitui desde logo um desafio, quer pelo potencial dramático, quase diríamos, cinematográfico, inerente à figura do herói e à própria intriga ultrarromântica (não por acaso, trata-se da obra portuguesa com maior número de adaptações a cinema, desde o filme mudo realizado em 1921 por Georges Pallu, até à incontornável e controversa transposição de 1979, de Manoel de Oliveira, passando pela célebre versão de 1943, de António Lopes Ribeiro), quer pela dificuldade de qualquer adaptação poder ombrear com a experiência estética da leitura do original, maior será esse desafio quando o realizador, como sucedeu com Mário Barroso em 2008, opta pela via da atualização do tempo histórico e, conseqüentemente, pela alteração de várias circunstâncias, diálogos, espaços, características das personagens e formas de estas comunicarem.

Tendo presente, por um lado, o quanto *Amor de Perdição* é uma narrativa que gira em torno da problemática da comunicação (a comunicação proibida, a comunicação interrompida, a comunicação mediada, a comunicação diferida...), e, por outro lado, o quanto as inovações tecnológicas dos últimos tempos têm vindo a mudar não apenas as formas de comunicarmos, mas também as formas de narrarmos e de vivermos a experiência da narrativa, propomo-nos analisar as utilizações das novas tecnologias na adaptação fílmica *Um Amor de Perdição*, tentando perceber até que ponto essas utilizações implica uma reconfiguração, reformatação ou remediação das relações entre as personagens e, em última análise, uma reescrita da obra emblemática do Romantismo português.

Título

SENTIDOS DA ESCRITA NO CINEMA: DEAD POETS SOCIETY (1989), POETRY (2010) E DANS LA MAISON (2013)

Autor

CÉLIA VIEIRA, ISABEL RIO NOVO, MARIA HELENA PADRÃO

ISMAI

Nota biográfica

Célia Vieira

É professora auxiliar no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), investigadora do CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação) e diretora do Centro de Estudos de Língua, Comunicação e Cultura (CELCC) do ISMAI. Especializou-se no domínio da literatura comparada, com a tese de doutoramento *Teoria do Romance Naturalista Ibérico e sua Orientação Francesa*, e possui várias publicações nos domínios dos estudos comparatistas e intermédia, da narratologia, da literatura portuguesa e das humanidades digitais, com destaque para a co-organização, com Isabel Rio Novo, dos volumes *António Gedeão / Rómulo de Carvalho - Novos Poemas para o Homem Novo* (Edições ISMAI, 2008) e *Inter Media. Littérature, Cinéma et Intermédialité* (Éditions L'Harmattan, 2010), bem como diversos artigos em revistas científicas e capítulos em obras coletivas. Pertence à comissão editorial de diversas revistas científicas, de que se destaca a publicação eletrónica *Intermedia Review*. Atualmente coordena o projeto de investigação e o site *Página Literária do Porto*, disponível no endereço www.paginaliterariadoporto.com e integra a equipa do projeto *E-poeticae – textos de teorização literária on line* (www-e-poeticae.com)

Isabel Rio Novo

É doutorada em *Literatura Comparada* pela Universidade do Porto. É Professora Auxiliar no Instituto Universitário da Maia (ISMAI) e investigadora do Centro de Investigação em Artes e Cultura (CIAC). Possui várias publicações nos domínios dos estudos literários e estudos comparatistas, com destaque para *Intermedia. Etudes d'Intermedialité*. Paris: L'Harmattan, 2010, e *A Missão Social da Poesia. Teorizações Poéticas em Portugal e Suas Orientações Francesas*, Maia: Edições Ismai, 2008. Coorganizou as três edições do Colóquio Internacional em Estudos Intermédia do ISMAI. É membro da comissão editorial da revista *Intermedia Review*. An online peer-reviewed publication on art, culture and media. É também autora de ficção.

Maria Helena Padrão

É doutorada em *Teoria da Literatura e Linguística Geral* pela Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela. É Professora Auxiliar no Instituto Universitário da Maia (ISMAI) e investigadora do Centro de Investigação em Artes e Cultura (CIAC).

Resumo

Nesta comunicação pretendemos analisar o conceito de literatura em algumas representações cinematográficas que têm como fundo temático o ensino da literatura. A análise comparativa dos princípios de literariedade postulados em obras fílmicas como *Dead Poets society* (1989), *Poetry* (2010) e *Dans la Maison* (2013) permite compreender algumas estratégias na didática da literatura, tendo em conta os diferentes géneros em causa (poesia vs narrativa); reconhecer diferenças na abordagem da relação mestre/discípulo no que diz respeito à prática da escrita criativa; e, simultaneamente, identificar os enquadramentos histórico literários distintos para que as poéticas explícitas nesses filmes reenviam.

Título

CINEMA DE GARAGEM: NOVAS FORMAS DE MOSTRAR CINEMA

Autor

PAULO CUNHA

CEIS20-UC

Nota biográfica

Paulo Cunha (1978-) é Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra. É membro do grupo de trabalho *Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais do CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra*. Lecciona no Departamento de Comunicação e Artes da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. É Membro fundador e dirigente da AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento. Coordenador editorial da *Nós por cá todos bem*.

Palavras-chave

Cinema português. circulação, exibição, recepção.

Resumo

De acordo com dados oficiais do ICA, dos 40 filmes portugueses estreados nas salas nacionais entre 1 de Janeiro e 29 de Outubro de 2014, apenas 6 somaram mais de 3.500 espectadores.. Independentemente da sua qualidade, os filmes registam estes números simplesmente porque não circulam, e outros não chegam sequer a estrear nas salas nacionais, e porque a distribuição e exibição cinematográficas estão fortemente monopolizadas. Ano após ano, repetem-se casos de filmes que são seleccionados ou premiados em festivais internacionais de reconhecido e inquestionável mérito e que passam despercebidos ou nem sequer chegam a estrear no circuito comercial nacional, sendo exibido publicamente apenas em circuitos alternativos como mostras e festivais.

A expressão Cinema de Garagem propõe uma reflexão sobre os novos modos de produção no audiovisual contemporâneo, analisando conjuntamente os seus aspectos económicos, estéticos, éticos e políticos. Acompanhando as transformações tecnológicas digitais actuais e novos meios de circulação, novos realizadores e produtores tem procurado novas formas de produção e circulação dos seus filmes, procurando alternativas aos meios convencionais de financiamento e de distribuição comercial.

Nesta breve apresentação, pretendo apresentar novas formas de mostrar cinema em Portu-

gal, nomeadamente em circuitos e plataformas alternativas ao mercado comercial de exibição cinematográfica. Pretendo, também, apresentar algumas reflexões sobre a evolução do lugar do espectador no cinema.

08 de Maio

Escola Superior de Educação - Sessão 2

MESA REDONDA

GÉNERO E CINEMA: ENTRE NARRATIVAS, POLÍTICAS E POÉTICAS

1ª Mesa

Anfiteatro . 10:00h às 13:00h

Título

MULHERES GRÁVIDAS DE GUERRA COLONIAL: O OLHAR DA CÂMARA DE FILMAR!

Autor

ANABELA DINIS BRANCO DE OLIVEIRA

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/LabCom

Nota biográfica

Anabela Dinis Branco de Oliveira é professora auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e investigadora no Labcom. Doutorada em Literatura Comparada, orienta a sua investigação científica no âmbito dos estudos interartes, nomeadamente nas relações entre literatura e cinema. É autora do livro "Entre Vozes e Imagens – a presença das imagens cinematográficas nas múltiplas vozes do romance português (anos 70-90). Leciona vários seminários no âmbito da análise do discurso fílmico e das relações dialógicas entre o cinema e outras artes. Autora do curso "Cinema: Alquimia das Artes" na Fundação de Serralves (Porto, 2009). Tem comunicações apresentadas em múltiplos colóquios e publicações em revistas nacionais e internacionais. Conferências convidadas nas universidades de Paris III, Paris Ouest Nanterre La Défense, Utrecht, Varsóvia e Lublin sobre o romance português contemporâneo (anos 60-90). Participações em júris e workshops em festivais e mostras de escolas de cinema (Avanca, ESAP, Festival de Cinema de Ourense, Festafilm de Montpellier). Pertence ao conselho editorial das revistas online *International Journal of Cinema*, *Plural/Pluriel*, *Persona* e *Cygne Noir*, *revue d'exploration sémiotique* (Université du Québec à Montréal)

Palavras-chave

Ficção, documentário, guerra colonial, olhar, memória.

Resumo

O rosto das mulheres que ficaram no cais de Alcântara, olhando o Tejo, rio do Império e da guerra. O olhar daquelas que não puderam partir mas que estão grávidas de guerra colonial! O olhar das que acompanharam os seus soldados e transformaram o Império!

O olhar das mulheres vistas pela câmara cinematográfica dos homens. As mulheres com a câmara de filmar perante o luto, o sofrimento e o mistério da guerra colonial. O conformismo resistente, o luto anunciado, a provação suprema: a mudança de comportamento dos maridos embrutecidos pela guerra. O olhar da ficção e do documentário. Na demanda da guerra, o cruzamento de vozes e de imagens. O olhar feminino de João Botelho em *Um Adeus Português*, a intensidade dos olhares das mulheres e as palavras dos homens de Margarida Cardoso em *Natal 71* (1999) e *A Costa dos Murmúrios* (2005) e os espaços, gestos e olhares de Marta Pessoa em *Quem Vai à Guerra* (2011). Mulheres, cinema e guerra colonial: a miragem ou o regresso do nevoeiro?

Título

PEDRA DA PACIÊNCIA: AS MULHERES EM CENÁRIO DE GUERRA NO AFGANISTÃO

Autor

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

CEMRI, Universidade Aberta.

Nota biográfica

Doutor em Antropologia. Professor de Antropologia e Antropologia Visual, investigador do Centro de Estudos das Migrações das Relações Interculturais, coordenador do GI Media e mediações culturais, Universidade Aberta. Desenvolve atualmente investigação em Antropologia Visual e Hipermedia

Palavras-chave

Mulheres no Afeganistão, resistência, direitos, solidariedades femininas, “Pedra da Paciência”.

Resumo

Num cenário de Guerra no Afeganistão uma mulher mostra, num quase monólogo, como sobrevive em situações particularmente adversas: casamento com um guerrilheiro, tratar do marido ferido e em estado de vida vegetativa, cuidar das suas filhas mas sobretudo exorcizar os demónios do passado. Ela é uma personagem com sonhos, frustrações, desejos e vontades que foram reprimidas ao longo dos anos e que finalmente acharam uma válvula de escape e que é impossível se manter indiferente ao desenvolvimento desse processo. Pedra da Paciência mais que exposição da situação da mulher na cultura afegã ou do mundo muçulmano expande o seu alerta em relação às mulheres de todas as culturas cujos direitos são ignorados, julgados seus comportamentos e decisões, pregada a resignação perante o que ainda resta de uma sociedade paternalista. Curioso o fato de as personagens do filme não terem nome, as estratégias de resistências às incursões machistas, as solidariedades femininas e a “Pedra da Paciência”.

Título MAMÃS DO PAPELÃO

Autor

PAULO COSTA

ONGD Rosto Solidário.

Nota biográfica

Paulo Costa iniciou-se em 2004 na área da gestão de empresas após a licenciatura em economia. Rapidamente passou para o mundo das ONG, primeiro nos Leigos para o Desenvolvimento e depois na Rosto Solidário, trabalhando entre Angola e Portugal. É mestre em Desenvolvimento, pós-graduado em Gestão de Organizações de Economia Social e especializado em candidaturas e projectos de desenvolvimento. Interessa-se pelas outras economias, a social, a solidária e a informal, especialmente a Africana, mas também pelo empreendedorismo social e os negócios sociais, pelo desenvolvimento local e a cidadania europeia e global. Gosta muito de contar histórias, de vender ideias, de ir lançando novos projetos, fazendo destes autênticas saladas tropicais com pessoas, ideias e sonhos. É assumidamente um filho da Póvoa de Varzim, mas como há casa dos Poveiros em todos os continentes é também um cidadão do mundo!

Palavras-chave

Educação para o Desenvolvimento, Cidadania Global, Angola, Mulher, Género, Diversidade .

Resumo

Desde o primeiro momento que no âmbito do projecto É de Género?, de Educação para o Desenvolvimento em Portugal, pretendíamos trazer a realidade global, à realidade local de cada um, através de materiais audiovisuais.

O projecto É de Género? é um projeto de formação e sensibilização de jovens para a igualdade de género, diversidade e cidadania global. Como principais metas e produtos do projeto assumimos a formação de jovens formadores/as em igualdade de género, diversidade e cidadania global, tornando-os/as capazes de formar outros/as jovens; e a elaboração de um recurso pedagógico, composto por um manual de formação e pelo documentário “Mamãs do Papelão” que suporta o processo de aprendizagem proposto.

O Documentário Mamãs do Papelão, realizado em parceria com a AO NORTE, foi pensado e concebido especificamente para ser utilizado como ferramenta de formação, não invalidando a possibilidade de ser utilizado isoladamente. Algumas das sessões de formação do manual do projecto são inclusivamente lançadas ou acompanhadas por um excerto deste documentário.

A opção pelo local específico surge na sequência do projecto de cooperação para o desenvolvimento “Empowerment das Mulheres da Ajuda Mútua – Formação e Geração de Rendimento” desenvolvido entre 2010 e 2012 no bairro do Papelão, Uíge, Angola.

No processo do documentário, uma vez que o objectivo do documentário era ser utilizá-lo como ferramenta de formação, esteve envolvida a Rede INDUCAR e a equipa de terreno foi constituída por técnicos/as da Rosto Solidário e da Associação Ao Norte.

Teresa, abre-nos a janela da sua casa, da sua vida. Fala-nos da família e do bairro. Do passado e do futuro. Da realidade e do sonho.

É o olhar de Teresa que nos prende, que nos guia e revela o que é ser Mamã, no Bairro do Papelão.

Significará o mesmo ser homem ou mulher no nosso país ou em Angola? Significará o mesmo ser homem e mulher? E como será no Futuro?

Porquê este olhar atento? Para aprendermos mais, para termos mais escolhas e para nos transformarmos, a nós e ao meio que nos rodeia.

Título

APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO NO CINEMA DE FATI H AKIN

Autor
NADIA MAZZARIOL
Universidade de S. Paulo

Nota biográfica

Nadia Mazzariol é mestranda em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, pela Universidade de São Paulo e cientista social formada pela mesma Universidade. Atuou como voluntária em diversas iniciativas da sociedade civil organizada na defesa de direitos.

Palavras-chave

Cinema alemão; gênero; identidade; fronteira.

Resumo

Imbuída de referências interdisciplinares, a presente investigação adota como ponto de partida duas obras da trilogia "Amor, Morte e Demônio" de Fatih Akin, cineasta alemão de ascendência turca. Por meio da análise de algumas passagens dos filmes estudados, "Contra a Parede" (2004) e "Do Outro Lado" (2007), o presente artigo busca refletir sobre como o gênero é experimentado em cada comunidade e em que medida surge como ferramenta de diferenciação radical entre turcos e alemães.

WORKSHOP

CINEMA: ARTE QUE PODE TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO

Anfiteatro . 17:00h às 19:30h

Workshop

CINEMA: ARTE QUE PODE TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO

Autor
CLÁUDIA MOGADOURO
Universidade de S. Paulo

Nota biográfica

Cláudia de Almeida Mogadouro é historiadora, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE) e do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da USP (OBCOM). Sua tese versa sobre Cinema e Educação. Tem se dedicado principalmente à formação audiovisual de educadores. É articulista do Portal NET Educação e é criadora e coordenadora do Grupo Cinema Paradiso.

Resumo

Nesse encontro, refletiremos sobre os descompassos entre a cultura letrada e a cultura imagética no âmbito da escola, pensando o cinema como uma mediação possível para se alcançar a transdisciplinaridade, a alteridade e a leitura crítica da mídia. Com o apoio dos estudos de recepção, abordaremos várias possibilidades de inserir o cinema no processo educativo como base para uma educação dialógica, de forma a ampliar a expressão comunicativa dos educandos por meio da Arte.

Objetivos

- Refletir sobre os modos como o cinema vem sendo utilizado no processo educativo;
- Pensar o cinema como mediação entre a cultura audiovisual, tão presente na vida de todos, e o currículo formal no processo educativo;
- O cinema como alteridade: arte, cidadania, ampliação da capacidade de expressão com a experiência audiovisual;
- Discutir o papel do educador como mediador de debates abertos, considerando que o audiovisual é altamente polissêmico e subjetivo;

**XV ENCONTROS
DE CINEMA
VIANA 04 A 10 MAIO 2015**

4.^a CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL
DE CINEMA DE VIANA